

## INFÂNCIA SUSPensa

Ana Ferreira da Silva

Nelita empurrou a cadeira para junto da janela e trepou com a agilidade dos seus cinco anos para espreitar para a rua. Uma chuva fininha salpicava os vidros. Lá fora, um vento tímido agitava os ramos verdejantes da grande árvore do parque, semeando de folhinhas tenras o chão que nenhuma criança pisava. Obstinado, o baloiço embalava-se a si próprio num esforço infrutífero para despertar o escorrega e o castelinho de actividades, mergulhados havia semanas num torpor de abandono deprimente.

Mais adiante, do outro lado da rua, a vasta mancha do cemitério refugiava-se por detrás de um muro branco fechado por um imponente portão de grades pintadas de verde-escuro, vigiado do alto por duas feias gárgulas, dois dragões de pedra de cujas bocas negras escorriam delicados fios de chuva. Nelita nutria grande curiosidade por aquele imenso jardim de árvores frondosas que ensombravam uma estranha cidade de casinhas semelhantes a minúsculos palácios com pórticos de colunas trabalhadas, sem janelas nem chaminés, dispostas em quarteirões separados por canteiros de onde sobressaíam pedras brancas que decerto marcavam os limites de várias propriedades. Era ali, estava convencida, que moravam os reis e as princesas dos contos que a mãe lhe lia à noite, assistidos por uma multidão de anõezinhos jardineiros; e os dragões permaneciam vigilantes dia e noite no seu posto para impedir que alguém viesse importunar os reis e as princesas.

Nelita gostaria de pedir à mãe que a levasse a visitar as princesas, uma vez que o parque infantil estava vedado, mas o receio de irritar os dragões haveria sempre de sobrepor-se à vontade de conversar e lanchar com Rapunzel e a Bela Adormecida. Assim, a menina limitava-se a contemplar o reino encantado de trás dos vidros da janela do 4º andar...

No quarto ao lado, o irmãozito choramingou, despertado pela fome que nele era acontecimento mais pontual do que as badaladas do relógio da parede. A mãe correu com um biberão morninho e uma enxurrada de palavras carinhosas que não faziam mais sentido do que um arrulhar de pomba.

Nelita suspirou, fincou os cotovelos no parapeito da janela e apoiou o queixo nas mãos. Que aborrecimento, fechada em casa como se tivesse febre, sem poder jogar à apanhada nem brincar no parque com os amiguinhos da escola! Recordou com saudade a Maria, a Tété, o Tónico, a Janeca, o Luís, o Carlitos – como ela fechados em casa, resguardados de uma doença misteriosa que andava espalhada por toda a cidade, sabe-se lá se por todo o mundo... Os noticiários da televisão não falavam de outra coisa, as conversas dos pais acabavam sempre por encaixar na mesma coisa, a escola estava fechada, o café da esquina onde costumava comprar gomas com a Tété estava fechado, até a sapataria em cuja montra aguardavam as suas futuras sandálias de Verão estava fechada, nas ruas não se via quase ninguém... Parecia que, de um dia para o outro, a própria vida resolvera hibernar, como o ursinho de peluche que ela pusera a dormir no fundo de uma gaveta no início do Inverno e que em breve teria de despertar...

O pai chegou a casa, mascarado como um bandido; e antes de beijar distraidamente a família, dobrou a máscara com todos os cuidados e poisou-a na mesinha do telefone, ao lado de um frasquinho em que Nelita estava proibida de tocar e que, pelos vistos, continha um líquido mágico que substituía a água e o sabonete e espalhava pela casa um aroma adocicado.

Jantaram com a televisão ligada, como se tornara costume desde o princípio da estranha hibernação da cidade. E lá vinham outra vez as mesmas notícias, números e mais números, senhores encasacados com ar preocupado, nada de desenhos animados. Nelita ainda abriu a boca para pedir que mudassem de canal, mas o pai mandou-a calar com um gesto.

Ferida na sua sensibilidade, Nelita procurou concentrar-se na sopa para não desatar a chorar. Lembrou-se então de que faltavam poucos dias para a Páscoa... Graças a Deus! Com a Páscoa havia de chegar a avó Mila com o habitual pacotinho de amêndoas e, quem sabe, um coelhinho de peluche para fazer companhia ao ursinho... Nelita sabia que podia contar com a avó Mila para os segredos, as brincadeiras, os docinhos, a colher de mel na sopa e os mimosos; a avó Mila era uma fada disfarçada de velhinha que lia pensamentos e fazia milagres, por muito difíceis de realizar que pudessem parecer aos olhos dos pais e das pessoas crescidas em geral...

– Ainda falta muito para a avó Mila?... – Nelita lançou a pergunta para o ar.

Inexplicavelmente, a mãe levantou-se sem dizer palavra e recolheu os pratos já vazios, refugiando-se na cozinha para secar as lágrimas. O pai sentou Nelita ao colo.

– A avó Mila não vem visitar-nos este ano, filha – começou a explicar. – Está muito doente!

– Então, se calhar, podíamos ir nós visitá-la, não é verdade, paizinho?

O pai engoliu em seco e não respondeu de seguida. Levantou-se da mesa e dirigiu-se à janela. Lá fora, o crepúsculo descia sobre a cidade. Os contornos das nuvens cintilavam com os reflexos dourados emprestados pelo sol poente. Os passarinhos chilreavam à porfia nos ramos da grande árvore do jardim. As casinhas brancas e as flores do cemitério, lavadas pela chuva da tarde, destacavam-se da penumbra que se adensava.

– A avó Mila foi para o Céu, Nelita. Os anjos vieram buscá-la...

– E ela foi-se embora sem nos dizer adeus, paizinho?! – Nelita nem queria acreditar.

– Sabes, é que... os anjos estão sempre cheios de pressa! Não foi por mal, acredita!...

– E ela volta?

O pai abanou a cabeça.

– É capaz de não voltar, Nelita! Lá no Céu há muitos meninos a precisar de miminhos! Tenho a certeza de que os anjos vão pedir-lhe para ficar a tomar conta deles...

– E ela vai ter uma casinha lá no Céu? Bonita como aqueles palácios, mas maior?...

– S... sim, tenho a certeza disso! Vamos, está na hora de lavar os dentinhos e dormir!

Nessa noite, Nelita sonhou com a avó Mila sentada nos degraus de um alpendre de colunas muito brancas, a contar histórias encantadas a Rapunzel e à Bela Adormecida...